

DEUS PREGUIÇOSO
e outros contos

Essa é uma versão de demonstração do livro, contendo a introdução e o primeiro conto.

A cópia parcial ou integral desse texto sem a autorização por escrito do autor ou da editora é proibida.

Felipe Luís Teixeira

DEUS PREGUIÇOSO
e outros contos



1ª edição - 2022

Introdução

Por que “Deus Preguiçoso”?

Este é um livro de crônicas, contos do cotidiano e memórias.

Escrevi meu primeiro texto em 2014, e é o texto que abre o livro. Voltei a escrever somente em 2019, e percebi que era algo que me dava prazer. Em 2020 veio a pandemia e tive muito tempo livre para me dedicar à escrita. E a partir daí não parei mais.

Meus contos são curtos e podem ser lidos em alguns minutos, no ônibus, na sala de espera de um consultório médico, numa fila de banco, no banheiro (lave as mãos, por favor!). Contos são uma pequena parte da vida dos personagens. Nem sempre há um final. Algumas vezes, porque nem tudo deve ser contado. Outras, porque o escritor simplesmente quis parar naquele ponto. Porque não sabia como continuar ou por preguiça.

Respondendo à pergunta: todo escritor é deus dos seus personagens. E eu sou um deus preguiçoso.

Eu criei um mundo, ele tem um pouco do mundo real, mas talvez seja um pouco melhor. Algumas histórias são tristes, outras são engraçadas. E há aquelas que têm um pouco dos dois, assim como nossas vidas.

Seja bem-vindo.

Felipe Luís Teixeira – Maio de 2022.

A chuva

Em uma tarde fria de inverno, uma senhora assistia à TV sentada no sofá da sala tomando café, enquanto o neto brincava com seus bonecos no chão. Então, começou a chover. Ela se levantou e caminhou devagar até a janela, sentou-se na cadeira de balanço, e ficou lá, admirando a chuva, sorrindo.

Surpreso, o menino largou os bonecos no chão e foi até ela.

— Vovó, por que sempre que chove a senhora senta aqui e fica olhando a chuva, sorrindo? — perguntou o menino, curioso.

— É por causa do seu falecido avô, ele adorava a chuva! — explicou. — Sempre que chovia, ele desligava a TV, se sentava aqui nessa cadeira e ficava admirando a tempestade até ela cessar. Ele não sabia explicar exatamente o porquê, mas dizia que adorava como as rajadas de vento davam forma e movimento à água, unindo-se a ela, como um homem guiando uma mulher em uma dança.

O menino, com os cotovelos apoiados no parapeito da janela e as mãos cerradas no queixo, ouvia a avó enquanto observava a chuva.

— Seu filme preferido era “Cantando na chuva” — continuou a senhora. — É um filme antigo, cuja cena mais conhecida é a do rapaz cantando e sapateando na rua molhada. Ele sonhava poder dançar na chuva como Gene Kelly, o ator do filme, pulando e sapateando nas poças d’água segurando um guarda-chuva. Mas ele era manco e o máximo que conseguia

era arrastar alguns passos com a vovó aqui nos antigos bailes românticos. — Ela sorriu, saudosa. Contar ao neto sobre os velhos tempos encheu-lhe o coração de afeto.

— Então a senhora vem aqui na janela para se lembrar dele? — perguntou o menino.

— Não exatamente, meu docinho — ela respondeu, sorrindo, com um brilho no olhar, acariciando os cabelos do neto, ambos olhando pela janela. — Eu venho aqui, pois sempre que chove, eu o vejo lá fora, como Gene Kelly, dançando na chuva.